

A diversidade das migrações contemporâneas no Brasil através das memórias de migrantes (Sapiranga, Rio Grande do Sul)

The Diversity of Contemporary Migrations in Brazil Through Migrants' Memories (Sapiranga, Rio Grande do Sul)

Daniel Luciano Gevehr*

<https://orcid.org/0000-0003-1815-4457>

Dilani Silveira Bassan**

<https://orcid.org/0000-0002-2223-9827>

Resumo

O artigo analisa as migrações contemporâneas no Brasil, com foco no município de Sapiranga (RS), destacando a diversidade de trajetórias e a importância da memória dos migrantes como fonte de pesquisa. O estudo aborda o fenômeno migratório no contexto da globalização, caracterizado por fluxos internacionais motivados por fatores econômicos, políticos, sociais e ambientais. A metodologia empregada é a história oral, que permite registrar narrativas individuais e coletivas dos migrantes contemporâneos, que migraram de diferentes regiões do Brasil e da América Latina, valorizando assim, experiências de grupos historicamente invisibilizados. O trabalho inclui entrevistas realizadas no Museu Municipal Adolfo Evaldo Lindenmeyer em 2023, que revelam aspectos do cotidiano, da inserção econômica, das práticas culturais e religiosas dos migrantes, bem como desafios enfrentados, como precarização do trabalho, burocracia documental e xenofobia. Os resultados evidenciam que os migrantes contribuem para a diversidade cultural e para o desenvolvimento socioeconômico local, ainda que enfrentem obstáculos de integração e reconhecimento. Conclui-se que a valorização das memórias migrantes é fundamental para uma história mais plural, democrática e inclusiva, reafirmando Sapiranga como um espaço de acolhida e de múltiplas identidades.

Palavras-chave: Migrações; História oral; Memória; Rio Grande do Sul.

* Doutor em História pela UNISINOS. Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara. E-mail: danielgevehr@hotmail.com

** Doutora em Desenvolvimento Regional pela UNISC. Professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara. E-mail: dilanib@faccat.br



Abstract

The article analyzes contemporary migration in Brazil, focusing on the municipality of Sapiranga (Rio Grande do Sul), highlighting the diversity of migration trajectories and the importance of migrants' memories as a research source. The study addresses migration within the context of globalization, characterized by international flows driven by economic, political, social, and environmental factors. The methodology employed is oral history, which enables the recording of individual and collective narratives of contemporary migrants who have moved from different regions of Brazil and Latin America, thereby valuing the experiences of historically marginalized groups. The research includes interviews conducted at the Adolfo Evaldo Lindenmeyer Municipal Museum in 2023, which reveal aspects of migrants' daily lives, economic integration, cultural and religious practices, as well as the challenges they face, such as labor precariousness, bureaucratic barriers related to documentation, and xenophobia. The results show that migrants contribute to cultural diversity and to local socioeconomic development, although they still encounter obstacles related to integration and social recognition. The study concludes that valuing migrant memories is essential for building a more plural, democratic, and inclusive history, reaffirming Sapiranga as a space of reception and of multiple identities.

Keywords: Migrations; Oral history; Memory; Rio Grande do Sul.

Introdução

As migrações contemporâneas se caracterizam, no século XXI, como um dos fenômenos mais marcantes da globalização. A dinâmica das migrações envolve o deslocamento de milhões de pessoas, que se deslocam em busca de melhores condições de vida, de segurança, de oportunidades de trabalho, fugindo de perseguições e até mesmo das crises ambientais. Especialmente nas últimas décadas, as migrações se tornaram cada vez mais internacionais, relacionadas com redes econômicas de escala global e influenciadas, cada vez mais, por determinadas políticas migratórias, e mais recentemente, como resultado de catástrofes socioambientais, que acabam provocando deslocamentos humanos em massa e provocando mudanças profundas na dinâmica das sociedades dos lugares de chegada desses migrantes.

De acordo com a Organização Internacional para as Migrações¹, existem mais de 280 milhões de pessoas vivendo fora de seus países de origem. Como principais destinos estão os países desenvolvidos, dentre os quais se

¹ INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION (IOM). **World Migration Report 2023**. Geneva: IOM, 2023. Disponível em: <https://www.iom.int>. Acesso em: 10 jul. 2025.

destacam Estados Unidos, Canadá, Alemanha e Reino Unido. Além destes destinos buscados pelos migrantes, estão os países em desenvolvimento, como o Brasil, que nas últimas décadas têm recebido um número cada vez maior de migrantes, oriundos especialmente dos países vizinhos da América Latina, da África e da Ásia.²

As razões que explicam esse fluxo migratório intenso das últimas décadas são diversas. Dentre elas estão fatores econômicos, como a falta de emprego e baixos salários, fatores políticos, como perseguições e regimes autoritários e ditatoriais, fatores de ordem social, como a discriminação de diferentes matrizes, a desigualdade e ainda, fatores ambientais, como os desastres socioambientais e as mudanças climáticas. Observa-se uma quantidade significativa de casos no mundo contemporâneo nos quais esses fatores se fazem presentes e motivam a saída de pessoas de seus países de origem, como o caso da crise humanitária da Venezuela, os conflitos no Haiti e as diversas guerras dos países do Oriente Médio.

A história do Brasil é marcada, em diferentes épocas e contextos, pela dinâmica migratória, de diferentes grupos, origens e destinos. Desde o período colonial, as migrações fazem parte de sua formação populacional, como é o caso dos movimentos forçados do tráfico transatlântico de africanos escravizados e dos movimentos migratórios de portugueses, que cruzaram o Atlântico para ocupar as novas terras do império luso na América. No século XIX, se tem a chegada dos grandes contingentes de imigrantes europeus - como os alemães, os italianos, os portugueses, espanhóis -, dos asiáticos - japoneses, libaneses, sírios - e, posteriormente, no século XX, dos grupos advindos dos países latino-americanos, que chegaram e ainda chegam ao Brasil.

Na última década, o Brasil assumiu um papel importante como destino migratório internacional, uma vez que vem recebendo um número cada vez mais significativo de grupos considerados vulneráveis e que chegam em decorrência de crises humanitárias e situações de pobreza extrema nos seus países de origem. Com isso, o Brasil tem recebido migrantes de diversas nacionalidades, em contextos e motivações bastante distintas.

Exemplo disso são os haitianos³, que após a catástrofe ambiental ocorrida em razão do terremoto de 2010 no país, o Brasil acabou instituindo um

² BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Relatório Anual de Imigração e Refúgio no Brasil – 2023**. Brasília: MJSP, 2023.

³ SILVA, R. M.; COSTA, J. F. da. Migração e trabalho: a inserção dos haitianos no mercado de trabalho brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 1–22, 2021.

programa de acolhida humanitária apara os atingidos, o que permitiu a entrada legalizada de imigrantes haitianos no Brasil, que entraram no país, principalmente pelos estados da região norte, como Acre e Rondônia. A partir da região norte, muitos haitianos seguiram viagem até os estados do sul e sudeste, como o Rio Grande do Sul, em busca de melhores condições de vida e passando a ocupar vagas de trabalho, principalmente na construção civil e na indústria, como é o caso da indústria sapiranguense, onde se observa a presença dos haitianos⁴.

Já no sul do país se percebe uma presença expressiva dos senegaleses. A chegada desse grupo migratório se explica principalmente em função de fatores econômicos e a busca por melhores condições de vida. Nesse contexto, vale destacar sua presença na cadeia produtiva do calçado, como ocorre na região do Vale do Sinos. Um exemplo distinto aparece quando nos referimos aos sírios, que em decorrência da guerra em seu país levou o Brasil a conceder visto humanitário aos imigrantes interessados a emigrar.

A promulgação da Lei de Migração nº 13.445/2017 substituiu o Estatuto do Estrangeiro de 1980 e buscou promover avanços que facilitam a entrada de estrangeiros no Brasil. Porém, existem muitos desafios para a efetivação dos direitos dos migrantes, uma vez que elementos como a burocracia dificultam o acesso à documentação, como a criação do CPF, da obtenção da carteira de trabalho e da conquista de moradia.⁵ Já a xenofobia e o racismo que se manifestam principalmente contra os migrantes negros e pobres, como haitianos e africanos – ainda são desafios para a construção de uma sociedade mais igualitária, e que faz com que se busque estratégias de enfrentamento das desigualdades de acesso as políticas públicas, como acesso a saúde, educação e assistência social.⁶

O cenário da pesquisa: Sapiranga, Rio Grande Do Sul

A pesquisa se propõe a analisar um espaço regional, que busca identificar e aprofundar a discussão sobre os fatores históricos que constituem uma região – que neste caso é Sapiranga, na região do Vale dos Sinos, Rio Grande

⁴ SECRETARIA DE JUSTIÇA, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS DO RS. **Plano Estadual de Políticas para Imigrantes e Refugiados**. Porto Alegre: SJCDH, 2021.

⁵ SECRETARIA DE JUSTIÇA, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS DO RS. **Plano Estadual de Políticas para Imigrantes e Refugiados**. Porto Alegre: SJCDH, 2021.

⁶ CUNHA, M. I. A. da; MENEZES, M. G. de. **Imigração e refúgio no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2022.

do Sul, o que por sua vez permite ampliar a visão sobre a dinâmica regional, bem como sobre seus atores sociais, que constituem a trajetória de formação deste espaço regional⁷. Por meio de uma análise micro espacial, que se vale de um recorte espacial mais reduzido, é possível entender de forma mais complexa e aprofundada o processo de formação do espaço, considerando suas origens, singularidades e referências⁸. É nessa perspectiva, que Gevehr⁹ propõem uma investigação sobre o espaço regional, valendo-se do método da micro-história¹⁰ como uma possibilidade de compreender as narrativas dos migrantes no espaço regional, identificando e problematizando aspectos das migrações que numa análise macroespacial não seria possível de se identificar e problematizar.

Neste contexto, o Rio Grande do Sul possui uma trajetória de grande visibilidade no que diz respeito às migrações. A ocupação do território sul-rio-grandense, onde os povos originários já se encontravam há cerca de 12 mil anos, se transforma profundamente a partir do início da colonização europeia, marcada pela presença dos imigrantes portugueses e espanhóis, que vêm para a América ocupar e colonizar as terras disputadas pelas duas coroas ibéricas, Portugal e Espanha. No século XIX, o processo de ocupação do Rio Grande do Sul sofre profundas mudanças com a chegada das migrações alemã e italiana, entre outros grupos em menor número, como poloneses, austríacos e franceses.

A presença desses grupos migratórios do século XIX se mostram ainda visíveis nas comunidades de diversos municípios sul-rio-grandenses, onde a arquitetura, a língua, a gastronomia, a religiosidade e diversos traços da cultura herdada dos imigrantes promove, inclusive o turismo e a economia das comunidades. No tempo presente, o Rio Grande do Sul continua sendo um destino importante para muitos migrantes contemporâneos, que chegam em busca de uma vida melhor, e se fazendo presentes nas indústrias e diversas outras atividades. Exemplo disso são os migrantes haitianos, senegaleses e venezuelanos que se estabelecem nas cidades do Vale do Sinos.

⁷ GEVEHR, D. L.; VENDRAME, M. I.; BASSAN, D. S. Pensando o desenvolvimento a partir de uma redução de escala: o método da micro-história. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 26, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/17131>. Acesso em: 10 out. 2025.

⁸ VAINFAS, Ronaldo. **Micro-história: os protagonistas anônimos da história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

⁹ GEVEHR, D. L.; VENDRAME, M. I.; BASSAN, D. S. Pensando o desenvolvimento a partir de uma redução de escala: o método da micro-história. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 26, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/17131>. Acesso em: 10 out. 2025.

¹⁰ VENDRAME, Máira; KARSBURG, Alexandre. **Micro-história, um método em transformação**. São Paulo: Letra & Voz, 2020.

Sapiranga, município localizado no Vale do Rio dos Sinos – e cenário desta pesquisa – possui sua história marcada pelas migrações, que se inicia muito antes da chegada dos europeus. Aqui viviam os povos originários, que também se inseriam na dinâmica migratória nesse território, desde as disputas territoriais do período colonial até o tempo presente. Pode-se dizer que Sapiranga é uma cidade com perfil migratório, que por sua vez, revela a heterogeneidade, a diversidade e a pluralidade de sua gente, que constitui um verdadeiro mosaico de culturas.

Nesse cenário das migrações, Sapiranga viveu, nas décadas de 1970 e 1980, um intenso fluxo migratório, com pessoas vindas de outras regiões do Rio Grande do Sul, especialmente da região noroeste do estado. Essa dinâmica migratória foi motivada principalmente pelo desenvolvimento acelerado das indústrias de calçado no município, o que fez com que a oportunidade de trabalho nas indústrias locais aumentasse, significativamente.¹¹

Para melhor compreender a discussão proposta, se deve considerar a trajetória do espaço geográfico no tempo. Sapiranga foi o 5º Distrito de São Leopoldo – município sul-rio-grandense que é considerado o berço da imigração alemã no Brasil, em razão da criação da Colônia alemã de São Leopoldo em 25 de julho de 1824 – no período compreendido entre 28 de março de 1890 e 15 de dezembro de 1954, quando o então governador do Estado, Ernesto Dornelles, sancionou a lei que criava o município de Sapiranga.

Entre 1960 e 1990 Sapiranga experimentou um expressivo crescimento industrial vinculado ao aumento da oferta de trabalho no município. Considerado como um município de crescimento expressivo no Rio Grande do Sul, Sapiranga atraiu muitas pessoas de outras regiões do estado, especialmente a partir da década de 1970. Atrelado a esse contexto de desenvolvimento econômico, ocorreu um expressivo aumento da população e consequentemente, o aumento das atividades desenvolvidas no meio urbano. Porém, à medida que a população aumentava e desenvolvia sua economia, novos problemas sociais surgiram, como a violência e a segurança pública.

¹¹ GEVEHR, Daniel Luciano. A História do Desenvolvimento Regional no Vale do Sinos: o caso de Sapiranga e seus percursos no tempo. **Redes**, v. 21, n. 1, p. 56-83, 6 maio 2016.

Figura 1: Mapa com a localização de Sapiiranga (RS) – Brasil



Fonte: Disponível em: http://imguol.com/2012/06/28/mapa-brasil-sul-rio-grande-do-sul-sapiiranga-1340913042953_300x300.gif. Acesso em: 18 set. 2025.

Através da imprensa local, se torna possível acompanhar os problemas que surgiam com o crescimento industrial do município. Manchetes evidenciavam os problemas relacionados à falta de moradia e à pobreza que assolava essas novas famílias que se estabeleciam diariamente no município. A partir da década de 1970, torna-se impressionante a quantidade de edições nas quais foram publicadas as fotografias de pessoas identificadas como “bandidas” e “assassinas” e autoras de diversos tipos de delitos. As manchetes retratando crimes e atos de vandalismo são uma constante na imprensa a partir desse momento. Exemplo dessa afirmação pode ser encontrado na manchete publicada no dia 05 de novembro de 1982 cujo título em letras com destaque chamava a atenção do leitor: MIGRAÇÃO CONTINUA SENDO PROBLEMA EM SAPIIRANGA. Nessa mesma edição, foi publicada uma matéria intitulada O CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO, que alertava o leitor para o controle da taxa de natalidade e os problemas de crescimento desordenado nos países subdesenvolvidos (O Ferrabraz, 05 nov. 1982, capa).

O município de Sapiiranga possui uma área de 137.759 km², com uma densidade demográfica de 554,31 hab/km² (IBGE, 2025). Segundo a Prefeitura de Sapiiranga a economia está baseada na indústria (calçados e metalurgia)

e no setor de serviços (Prefeitura Municipal de Saporanga, 2025). O Quadro 1 traz uma síntese dos principais indicadores socioeconômicos do município de Saporanga.

Quadro 1: Indicadores Econômicos e Sociais – Saporanga-RS

População	2022	2025 (Estimativa)
	75.648	77.935
IDH IDHM	2010	2010
	0,806	0,711
PIB	2020 (R\$)	2021 (R\$)
	3.183.264	3.615.584
PIB per capita	2020 (R\$)	2021 (R\$)
	39.772.41	44.906.27
Escolarização 6 a 14 anos	2010	2022
	97,60%	99,45%

Fonte: IBGE, 2025

A partir dos dados apresentados no Quadro 1 é possível fazer algumas considerações como o aumento do PIB total que revela um incremento de 13,5% e o PIB per capita de 12,9%, representando um crescimento significativo em apenas um ano. Com relação ao IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) medida utilizada para países e o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) não há com fazer uma comparação, pois o IDHM é adaptado para as realidades locais. O que se pode constatar é que estes indicadores enquadram o município de Saporanga como tendo alto (0,711) e muito alto (0,806) desenvolvimento humano. Este dado pode ser validado por um dos componentes de seu cálculo, a educação, que em Saporanga teve índices excelentes, chegando próximos de 100% em 2022. O IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) que é calculado a partir das aprovações escolares, varia entre 0 e 10, porém a meta do governo é atingir 6. Em relação ao IDEB do município de Saporanga, no ano de 2023, para os anos iniciais do ensino fundamental na

rede pública era 6,4 e para os anos finais, de 5,4, atingindo, desta forma a meta designado pelo governo, precisando melhora nos anos finais.

A história oral registra a memória dos migrantes

A metodologia da história oral é uma ferramenta extremamente importante para o registro da memória e de valorização das experiências vividas pelos diferentes grupos sociais. A história oral desempenha um papel ainda mais importante quando buscamos registrar a memória dos grupos historicamente marginalizados, como acontece com os afrodescendentes e os migrantes contemporâneos. No caso desses dois grupos, os documentos “oficiais” não registram grande parte de suas trajetórias, o que contribui para os silêncios, o apagamento e a invisibilidade dos afrodescendentes e dos migrantes contemporâneos, que acabam não tendo sua história contada, como acontece com outros grupos, que são enaltecidos e colocados em evidência.

Quando se busca registrar e escutar os relatos de vida dessas pessoas, a história oral rompe com uma visão tradicional da escrita da história, que muitas vezes supervaloriza os documentos escritos e as perspectivas das elites. Com a história oral se pode construir uma narrativa mais plural, diversa, inclusiva e mais sensível em relação as vozes silenciadas no tempo.

É preciso lembrar que a história oral não se reduz à simples coleta de testemunhos. A historiadora Janaina Amado¹² é uma das referências quando se trata da metodologia da história oral no Brasil. Para ela é preciso atenção quando trabalhamos com a memória trazida à tona, à seletividade das lembranças e à subjetividade do narrador. Em seu texto clássico sobre «o grande mentiroso», Amado¹³ discute a tendência de se desqualificar os entrevistados, por eventuais imprecisões ou exageros em suas falas, reforçando que, na história oral, o mais relevante não é a “verdade factual”, mas aquilo que ela chama de verdade simbólica - que é revelada por meio dos gestos e sentidos que o sujeito atribui à sua própria experiência.

Neste contexto, é fundamental considerar as contribuições que o pesquisador inglês, Paul Thompson¹⁴ quando afirma que a história oral democratizou a produção do conhecimento histórico, dando voz ao passado e a quem foi excluído das narrativas oficiais. Também no Brasil, temos autores

¹² AMADO, Janaina. O grande mentiroso: o depoente na história oral. In: ABREU, Regina; BESSA, Jorge (org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 119-129. p.119.

¹³ Ibidem.

¹⁴ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

de referência quando tratamos da história oral, como é o caso de Meihy e Holanda¹⁵ e de Verena Alberti¹⁶. Meihy e Holanda¹⁷, por exemplo, aborda a história oral como uma ferramenta ética e transformadora, enquanto Alberti¹⁸ enfatiza seu papel como um instrumento político de preservação da memória.

Quando se propõe registrar trajetórias de migrantes em um contexto específico de uma cidade, como Sapiranga, no Rio Grande do Sul, imediatamente, se questiona sobre “qual a história” que se busca registrar. Afinal a história tem relação com as fontes utilizadas, as versões sobre o passado a que temos acesso e sobre nossas próprias percepções e lugares de onde enxergamos o passado. Nesse sentido, Maia¹⁹ propõe uma importante reflexão sobre esse processo, questionando “Como encontrar as histórias da cidade que não foram contadas?”²⁰ De acordo com sua análise é fundamental “ouvir” as diferentes vozes que habitam a cidade, permitindo que a história do lugar seja contada por diferentes sujeitos, que muitas vezes são silenciados, em decorrência de processos de racialização [racismo], de exclusão social [a voz das periferias], de xenofobia [preconceito em relação aos imigrantes] e outros diversos mecanismos que desconsideram e apagam a memória de diversos grupos que habitam a cidade.

Dar voz aos migrantes é garantir aquilo que David Harvey²¹ chama de direito à cidade, reafirmando o compromisso da história com a democracia e a pluralidade, registrando e compartilhando as memórias dos diferentes grupos que constituem Sapiranga. O direito à cidade se traduz, neste contexto, através da possibilidade dos migrantes e afrodescendentes contarem sobre suas trajetórias e experiências na cidade onde vivem, mostrando que fazem parte da cidade, assim como a cidade faz parte das suas próprias existências.

A partir de um projeto que tem como propósito registrar as vozes dos próprios sujeitos, se torna possível compreender como eles elaboram suas identidades e enfrentam os desafios contemporâneos. Esse é o

¹⁵ MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Marieta de Moraes Ferreira. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

¹⁶ ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

¹⁷ MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Marieta de Moraes Ferreira. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

¹⁸ ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

¹⁹ MAIA, Andréa Casa Nova (org.). **História oral e direito à cidade**: paisagens urbanas e memória social. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

²⁰ Ibidem, p.07.

²¹ HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

resultado do trabalho de pesquisa realizado pelo Museu Municipal Adolfo Evaldo Lindenmeyer em 2023, que contou com a participação de moradores de Sapiranga, que se dispuseram a contar e compartilhar suas trajetórias de vida. Neste caso específico, se buscou o registro de migrantes, que chegaram em Sapiranga nas últimas décadas, vindos de outras regiões do Rio Grande do Sul, de outros estados e até mesmo de outros países. O projeto de pesquisa foi desenvolvido no Museu Municipal Adolfo Evaldo Lindenmeyer, em 2023 e foi denominado “Retrato das migrações: imagens da chegada dos migrantes do século XX em Sapiranga” e contou com a participação de 13 moradores do município.

As entrevistas foram realizadas ao longo do primeiro semestre de 2023. Por meio das entrevistas, que foram realizadas no Museu Municipal, se teve acesso aos testemunhos de vida dessas pessoas, que mostra como a presença dos migrantes - chegados de diferentes lugares e percorrendo diferentes caminhos - faz parte da comunidade local. Os entrevistados foram definidos a partir da técnica de bola de neve²², que consiste na técnica de que o primeiro entrevistado é quem indica o próximo participante e, assim, sucessivamente até atingir um ponto em que as respostas se repetem, chamado ponto de saturação.

A pesquisa se vale de um desenho metodológico que se estrutura a partir de um projeto de pesquisa claro, no qual se tem um problema de investigação, uma amostragem intencional (13 participantes – 11 migrantes, sendo 2 migrantes acompanhados por seus filhos), critérios de saturação (na medida em que as informações começam a se repetir e não trazem mais novas informações) e por um protocolo ético, que considera o consentimento dos entrevistados (TCLE significa Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e a possibilidade de anonimização. Cabe ainda, no contexto da pesquisa com história oral que se vale de entrevistas de migrantes — considerar que muitas vezes esses deslocamentos são marcados por movimentos forçados, barreiras culturais, linguísticas e vulnerabilidades — adotar uma postura crítica e reflexiva, que se vale de uma escuta ética e sensível (Alberti, 2004; Meihy e

²² Como exemplos de pesquisas, no campo da história oral, que se valeram da técnica de bola de neve se pode citar: ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 1990. BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira Bagatin. **Snowball** (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 27, p. 329-341, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3193> Acesso em: 12 fev. 2026. VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 12 fev. 2026.

Holanda, 2014). A pesquisa desenvolvida faz parte do projeto de investigação que analisa a presença dos migrantes contemporâneos na região do Vale dos Sinos e Paranhana e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/FACCAT), através do CAAE: 02040318.1.0000.8135, disponível na Plataforma Brasil.

As entrevistas foram realizadas a partir da formulação de perguntas abertas, que permitiram o registro das narrativas de vida, que foram gravadas, transcritas e seu conteúdo devidamente autorizado pelos entrevistados, para fins acadêmicos, tendo em vista a análise do corpus documental no projeto de pesquisa. No que diz respeito ao tratamento analítico das fontes, a pesquisa se valeu de uma leitura crítica das narrativas e posterior codificação temática, observando, evidentemente, as boas práticas em pesquisa, que incluem a transcrição criteriosa [com marcação de pausas e entonações relevantes], conferência com os/as entrevistados/as [devolutiva] e preservação do documento impresso e TCLE assinado.²³

História oral, memória e diversidade das migrações

As narrativas contemplam migrações internas (no próprio Rio Grande do Sul e no Brasil) e internacionais (Alemanha, Argentina e Venezuela), articulando memórias familiares, trajetórias laborais e diferentes memórias e experiências pessoais. A proposta de análise se organiza a partir de dois eixos: (1) apresentação dos entrevistados — nome, origem e idade (quando informada), motivos da migração, dificuldades enfrentadas, traços biográficos e elementos que revelam o sentimento de viver na cidade; (2) uma análise transversal que busca comparar padrões e singularidades identificadas entre os entrevistados. Partindo da proposta de análise o Quadro 2 traz uma breve apresentação dos migrantes entrevistados.

²³ FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. Disponível em: <https://editora.fgv.br/produto/usos-e-abusos-da-historia-oral-1827>. Acesso em: 19 set. 2025.

Quadro 2: Apresentação dos Entrevistados

Identificação	Origem	Idade e Gênero	Motivo da migração	Distância média percorrida (Km)
1	Porto Alegre (RS)	55 - M	afetivo e familiar	60
2	Seberi (RS)	45 - M	trabalho	390
3	Frederico Westphalen (RS)	40 - F	trabalho e família	410
4	Herval Seco (RS)	55 - M	trabalho	430
5	Taquara (RS)	66 - F	trabalho	20
6	Mata (RS)	50 - F	trabalho e família	260
7	Paraná	NI - F	trabalho	700
8	Maquiné (RS)	46 - M	trabalho e família	95
9	Argentina	NI - M	trabalho	1150
10	Palmeira das Missões (RS)	55 - F	trabalho	330
11	Venezuela	37 - M	trabalho e segurança	6000
12	Venezuela	49 - F	trabalho e segurança	6000

Fonte: (M: masculino; F: feminino; NI: não informou) Fonte: Dados da pesquisa, 2023).

Pode-se observar que a maioria dos migrantes vieram de lugares distintos, tendo, em sua maioria, idades acima de 40 anos e que uma das principais razões para seu deslocamento foi a oferta de trabalho no município. Assim, percebe-se que entre os migrantes entrevistados o motivo predominante da migração está relacionado a busca por oportunidades de trabalho, mas há também motivos subjetivos e afetivos que influenciam o deslocamento e a permanência dos indivíduos na cidade de Sapiranga.

O caso do Entrevistado 1 é bastante singular, pois é filho de pais alemães, passou parte de sua infância no Brasil e no período de sua escolarização

e parte de sua vida adulta viveu na Alemanha. O Entrevistado 1 demonstra um afeto pelo Brasil conforme segue: “A princípio... eu me sinto bem aqui no Brasil, Sapiiranga... essa alegria do povo, do Brasil, que combina mais comigo.” O Entrevistado 1 retorna ao Brasil em 2005 e direciona-se a Sapiiranga com a esposa brasileira e as duas filhas. O retorno ao Brasil foi motivado pelo reencontro com a família e a busca de um projeto de vida junto da esposa, deixando claro o afeto pelo Brasil e pelo município de Sapiiranga “...a gente voltou pro Brasil, pra morar aqui em Sapiiranga”. Quando retorna a Sapiiranga, devido a sua formação técnica em mecânica, experiência como bombeiro e paramédico em Munique, conseguiu uma colocação na área de manutenção industrial na empresa Verallia, onde trabalha a 16 anos.

No entanto, encontrou dificuldades como a língua e as diferenças culturais Brasil/Alemanha. Teve que reaprender o português. Também, percebeu que no Brasil o acesso a cultura é limitado pelo custo e o patrimônio histórico, no caso o Alemão, é pouco valorizado. O Entrevistado 1 afirma que “na Alemanha... paga uma miséria de entrada [em museus], e não uma fortuna como aqui”. Embora todas as dificuldades e diferenças encontradas pelo entrevistado, se mostra pertencente ao local escolhido por ele e pela família para construir seu futuro, “eu me sinto bem aqui... essa alegria do povo... combina mais comigo” e ainda, pretende permanecer em Sapiiranga, “por enquanto, nós não queremos voltar pra Alemanha”. Estas falas revelam um sentimento forte de pertencimento ao local que escolheram para sua permanência.

Portanto, a partir da narrativa do Entrevistado 1 foi possível observar alguns fatores que marcaram o processo migratório: seu nascimento no Brasil, a mudança para a Alemanha (processo de socialização europeia), sua qualificação profissional fora do Brasil, distante das redes familiares, combinando capital técnico-profissional, a comparação cultural Brasil/Alemanha (memórias nacionais x expectativas individuais) e o pertencimento ao cotidiano local, trabalho estável, casa, filhas estudando acabaram pesando mais que a “densidade histórica alemã”. Por fim, fica claro que o Entrevistado 1 está satisfeito com a escolha de pertencer ao Brasil e a Sapiiranga, local de qualidade de vida, trabalho e acolhimento, conforme ele mesmo afirma:

Então, por enquanto, nós não queremos voltar pra a Alemanha pra morar lá. Só se eu ganhar na Mega Sena, aí dá para pensar, mas antes não. Para visitar, fazer férias na Alemanha, isso vai dar, mas pra morar lá, por enquanto, não é uma questão pra nós.

A história de vida que levou o Entrevistado 2 a migrar para Sapiiranga é a realidade de muitos migrantes, a pobreza, a falta de emprego, moradia precária, “muita miséria”, como enfatizou, “Seberi era um lugar extremamente pobre... Sapiiranga [tinha] muito emprego”. Estes fatores fizeram com que ele e sua família, saídos de Seberi na década de 1980, procurassem em outro lugar uma forma de sobrevivência. Foram atraídos para Sapiiranga pela abundância de empregos, conforme relata, “saia pra procurar emprego, já ficava trabalhando e já fazia serão no mesmo dia”. Iniciou sua trajetória de trabalho no setor de calçados, na sequência trabalhou em empresas metalúrgicas, por fim, tornou-se servidor público atuando como vigilante vinculado ao Parque do Imigrante.

Para o Entrevistado 2 a identificação com a cidade de origem era frágil, “é uma cidade que ainda não tem identidade... são focos de tradição e outros completamente dispersos”. Porém, atualmente há um sentimento de orgulho, principalmente, ao ver a retomada pós-pandemia do Parque do Imigrante. Para o entrevistado o parque representa um lugar de memória e de sociabilidade, pois ao mesmo tempo que serviu de apoio a situação da pandemia (Tenda Covid)²⁴, também retoma, hoje, as relações com a sociedade por meio dos eventos e festas que lá ocorrem. O deslocamento de Seberi para Sapiiranga teve muitos desafios que ainda persistem como, as tradições que para o entrevistado ainda são muito dispersas. Há o predomínio da tradição alemã que se confunde com outras tradições, o que torna difícil a identificação com a cidade e diminui a sensação de pertencimento.

Nos anos 80 e 90, comprar uma casa em Sapiiranga era extremamente caro. Facilitou um pouco com Minha Casa, Minha Vida, que os governos do PT favoreceram. Hoje, diferente do que era antigamente, Sapiiranga era basicamente calçado. Trabalhava-se só pro calçado. Ou fabricava calçado ou trabalhava em componentes. Hoje diversificou. A metalurgia cresceu bem mais. Há muito... O calçado já não é o foco da cidade. Mas é uma cidade que ainda o turismo não deslancha, não avança. As tradições ocupam uma parcela muito pequena da nossa população. É uma cidade que ainda não se... não tem identidade, uma homogeneidade no pensamento. É muito... São focos de tradição e outros completamente dispersos e que não compreendem ainda a cidade como

²⁴ A Tenda Covid é um conjunto de instalações que foi implantado no Parque Municipal do Imigrante com a finalidade de atender as pessoas que buscavam atendimento de urgência para o tratamento da COVID-19. As tendas instaladas em caráter provisório funcionaram entre 2020 e 2021.

uma cidade de imigração alemã. Não se... E também pessoas que não se entregam, integram a esse pensamento.

A Entrevistada 3, veio criança para Sapiranga para auxiliar a irmã que precisava trabalhar, “vim com a minha irmã... precisava trabalhar e trouxe eu pra cuidar das criança”. Sua trajetória começou cedo, muito precoce, aos 14-15 anos já estava trabalhando em uma fábrica de calçados, na sequência uma indústria alimentícia e por último era terceirizada de uma empresa que prestava serviços para o Parque de Sapiranga.

As condições iniciais da Entrevistada 3 eram modestas, a vida “de altos e baixos” como relata, a dificuldade de creches para os filhos afetou a busca por trabalho e a maternidade. Embora, as adversidades na luta por trabalho e sobrevivência, a cidade para esta migrante tem um significado de alegria, reconhecimento e amor, “minha cidade de coração é Sapiranga”; o Parque é “lugar maravilhoso que nem esse parcão... a história de Sapiranga é aqui”. A Entrevistada 3 reforça o Parque como símbolo cívico e locus de autoestima profissional.

Embora as dificuldades relatadas pela Entrevistada 3 no início de sua trajetória na cidade de Sapiranga, ficou claro que há uma relação de amor e pertencimento a cidade, conforme o relato que segue.

Eu moro no bairro São Jacó, desde que eu vim pra cá sempre morei ali, que na época falavam Vila São Paulo, aí agora tá como São Jacó, mas sempre morei ali. Um bairro muito bom de se morar, onde tive minhas filha, elas se, como que eu vou falar, se criaram ali, deram umas excelente filhas, então... Não sei nem o que estou falando... [Pausa]. Então, aí fiquei, moro, continuo morando no mesmo lugar, só que nem sempre as coisas são fáceis, né, pra a gente, às vezes as coisas acontecem de uma maneira mais difícil, pra uns melhor, pra outros nem tanto. Eu tive já muitos altos e baixos na minha vida, mas graças a Deus tudo se encaminhou pro lado bom e só tenho a agradecer a essa cidade por ter me acolhido, porque é uma cidade maravilhosa, pra mim não existe cidade melhor, porque eu sou de, natural de Frederico, mas a minha cidade de coração é Sapiranga, sempre foi e sempre será, não troco a minha cidade por nenhuma outra.

O Entrevistado 4 chegou a Sapiranga em 1979, ainda criança, como a Entrevistada 3. A vinda para Sapiranga, juntamente com seu pai e irmão foi em busca de trabalho nas empresas de calçados. Uma migração que se deu em

etapas, a vinda da família aos poucos formando uma rede de apoio. Começou a trabalhar aos 12 anos, “passando cola”. Percebeu um certo preconceito com trabalhadores vindo de outras localidades, davam preferência aos que eram da região, “Percebemos que tinha certas empresas que davam preferência pra trabalhadores da região...”. No momento de sua chegada, as condições na cidade eram frágeis, muita pobreza, infraestrutura urbana precária nos bairros.

É... a gente falava diferente. Aqui falava-se leiti, lá fora a gente falava lêite. Aqui era chimarrão, lá fora era mate. Então tivemos essa dificuldade. Quando íamos, inclusive, íamos ao supermercado buscar alguma coisa, aqui era aipim, lá fora era mandioca. Se fôssemos comprar salame, aqui era linguiça. Era totalmente diferente. Então tivemos que entrar numa outra cultura e nos adaptar a esse novo ambiente ao qual nós estávamos hoje. Inclusive, nós viemos pra cá porque lá fora, onde meu pai trabalhava, o serviço estava fraco. E alguém mencionou a região, alguém mencionou Sapiiranga. E meu pai arrumou um dinheiro e veio pra cá pra conhecer o local. Se hospedou e já foi logo tratando de arrumar emprego e buscar o resto da família, né?

Embora, num primeiro momento houve um choque cultural, relata também memórias ambientais e históricas como as pescarias, os arroios, a história da Guerra dos Mucker²⁵ no Morro Ferrabraz, culminando em orgulho cívico, “eu tenho orgulho hoje de morar em Sapiiranga”. O Entrevistado 4 percebeu que existia na cidade uma hierarquização, preferência para a população local, no entanto este foi um processo de aprendizado (“aprender a cidade”), passar de um momento em que as pessoas eram rotuladas para o de afirmação, “somos trabalhadores como vocês”, isso só foi possível com o tempo vivido na cidade, com apoio da vizinhança e o reconhecimento no trabalho. As dificuldades enfrentadas em diferentes aspectos na vida do migrante se revelam na língua, nas tradições, nos comportamentos, na identidade com o local, mas nada que o tempo não ajuste e transforme esta realidade, tornando os migrantes pertencentes ao local de destino.

A Entrevistada 5 já residia na região, Taquara, Novo Hamburgo e por fim Sapiiranga. Buscou a cidade por motivo de trabalho na indústria calçadista, trabalhando em fábricas grandes e conhecidas. A trajetória no calçado começou com o pai que era “lixador” em uma fábrica de calçados. A entrevistada lembra

²⁵ Mucker é um nome próprio e é utilizado apenas no singular. O termo significa fanático religioso, santarrão e foi utilizado para designar o movimento socioreligioso que ocorreu em Sapiiranga entre 1868 e 1874, liderado por Jacobina Maurer e João Jorge Maurer.

do seu cotidiano, deslocamento para o trabalho feito de bicicleta, a feira dos colonos e os circuitos de artesanato, são memórias que marcaram a trajetória desta migrante e de sua filha. Embora, o trabalho nas indústrias de calçados tenha acontecido em episódios de interrupções e retornos, a migrante não tem queixas, mas sim orgulho e lembranças. Conforme a Secretaria Municipal de Trânsito, existem atualmente mais de 40 mil bicicletas na cidade, este fato faz com que Sapiranga seja conhecida também como a “cidade das bicicletas”.

Atualmente a Entrevistada 5 trabalha com artesanato e participa de um grupo que expõe na Praça da Bandeira. Observa-se em sua narrativa um sentimento de afetividade, de orgulho, de pertencimento e memória familiar do bairro e do mundo fabril. A dupla de migrantes declara, “Tenho o maior orgulho de ser sapiranguense”. A narrativa da Entrevistada 5 revela que mesmo diante de algumas dificuldades, há uma afetividade pela cidade de Sapiranga. Memórias guardadas na lembrança da rotina desta cidade demonstram um orgulho por pertencer a esta comunidade.

[...] sou natal de Moro Alto, interior de Taquara. De lá fui morar em Novo Hamburgo e de Novo Hamburgo eu vim morar pra cá. Aqui já faz quarenta e poucos anos que eu moro em Sapiranga. Tinha umas fábrica, Paquetá, tinha Ibane, daí eu fui trabalhar na Paquetá. Trabalhei cinco ano lá, depois eu parei de trabaiaí. Aí trabaiei em casa um tempo, aí comecei a fazer artesanato depois. Mais ou menos, era tran... Não tão tranquila, mas tava tranquila. Tá... O que eu me lembro, não tinha muita fábrica. Tá.”

A Entrevistada 6 chegou a Sapiranga ainda criança, assim como os entrevistados 4 e 5. Sua vinda para a cidade se deu por motivos familiares e mediada pelas redes luteranas. O pai deslocou-se para Sapiranga buscando trabalho e um sustento para a família, em moradia de aluguel. A Entrevistada 6 iniciou sua vida laboral muito cedo, aos 12 anos, trabalhando em fábrica de calçados. Além de seu trabalho, auxiliava no cuidado com as crianças da família, além de uma vida comunitária intensa no bairro em que residiam, Operária.

As condições de moradia eram precárias nos tempos dos “trilhos”, pois água e saneamento básico eram escassos. A entrevistada tinha que percorrer longas distâncias para lavar a roupa da família, lugar que atualmente não fornece condições de utilização. Mesmo diante das dificuldades a Entrevistada 6 tem um forte sentimento de pertencimento, “Não me vejo morando noutro lugar... sou muito feliz morando em Sapiranga e na Operária”.

Para a Entrevistada 6 as memórias que ficaram são afetivas, lembranças das pontes, arroios, trilhos e escolas. A ligação religiosa rearticula moralidades e pertencimentos e os vizinhos representam uma parte da família construída por laços de amizade e afeto (“vimos compadres”).

É, da igreja católica em Sapiranga. [Pausa]. E hoje em dia eu não me vejo morando noutro lugar, a não ser lá na Operária. Sou muito feliz no lugar que moro. Sou muito amiga de todos os vizinhos. Todos...Vimos todos compadres ali em volta. Então, a gente levanta de manhã já dando bom dia, perguntando como é que tá a outra pessoa. Isso, pra mim, é muito importante. Então, eu não me vejo em outro lugar. Eu sou muito feliz morando em Sapiranga e na Operária ali na... no Amaral Ribeiro.

A história se repete nas narrativas dos entrevistados até aqui, Sapiranga tornou-se um lugar ao qual eles pertencem e se identificam. Já a trajetória da Entrevistada 7 teve vários percursos até chegar a Sapiranga. Nascida em Iraí (RS), morou em Dionísio Cerqueira (SC), depois Foz do Iguaçu (PR), São Leopoldo (RS) e por fim, Sapiranga (RS) para ficar próximo dos filhos. O deslocamento para a cidade se deu por motivo de trabalho e pela proximidade da família, filhos. A Entrevistada 7 trabalhou em fábrica de calçados, fazia serões para atender as demandas da família. A filha começou a trabalhar ainda criança para ajudar na manutenção das despesas da casa, “trabalhou um mês inteiro fazendo enfiadinha²⁶ pra me comprar um jogo de prato”.

As dificuldades enfrentadas pela Entrevistada 7 foram muitas, relato de pobreza, morando em favela com esgoto a céu aberto, insegurança e acidentes graves, como relata, “era uma favelinha... corria esgoto na beirada da rua”. A Entrevistada 7 e a filha, que também participou da entrevista relataram uma história de muita privação e luta pela sobrevivência. Enfrentaram desafios com a precariedade habitacional, trabalho exaustivo e uma maternidade sob risco. A mudança ocorre, a cidade se torna mais civilizada, porém o custo humano desta mudança fica registrado na memória coletiva.

Daí cheguemos em Sapiranga, sofremo aqui em Sapiranga, não achava casa pra alugar. Aluguemo uma casinha, duas peça, quando chovia era que nem lá fora. Daí, tudo apertado pra nós ficar lá. Daí, depois arrumemo uma casinha maior. Daí fiquemo, daí

²⁶ Termo popular utilizado pelos moradores da região para designar o trabalho de trançar fios de couro [daí a expressão enfiadinhos/as, que remete a enfiar, colocar] nas peças que eram utilizadas para produzir a parte superior dos calçados femininos, fabricados nas indústrias calçadistas. Esse trabalho era comumente realizado por mulheres em suas próprias residências, em caráter informal de trabalho.

fomo indo, daí todo eles arrumaro serviço. Naquele tempo, com 12 anos, a minha guria acho que tinha 12, 13 ano, o Sérgio tinha 16, arrumaro serviço.

Daí eu arrumei serviço no Flama, também ficava na frente. Daí, todo nós trabalhemo. Daí depois nós conseguimos comprar uma casinha nos trilho. Daí, fiquemo. Depois, vendemo a casinha dos trilho e fomo lá pra São Leopoldo. Mas os filho ficaram aqui, daí voltemo de novo. Compremo uma casa nos trilho e foi aonde depois a Marlene arumou, fez aquele loteamento. Daí, nós fomo pra... Lá pra João Goulart. Daí, vivemo, ficava bem lá, era um lugar muito bom lá na João Goulart. Daí, depois os filho casaro tudo, eu voltei pra Dionísio Cerqueira, fiquei um tempo e agora faz cinco anos já que estou morando aqui de novo. As filharada tão aqui, né. Daí, a gente quer ver, ficar perto dos filho. Mas eu tenho um neto, que é que nem filho também, que aquele tá lá em Dionísio. E a gente se preocupa, né, por causa que queria que ele viesse pra cá, mas os outros não querem, né, e daquele jeito. Mas, graças a Deus, está tão tudo mais ou menos. Os trilho, aonde era a passagem do trem e dos trilho, só tinha uma rua. É ali, onde é que é a 20 de setembro. Ali na... Que vai ali na...

No entanto, hoje percebe uma mudança significativa no cenário da cidade, uma transformação que gerou alívio e orgulho. A Entrevistada 7 presenciou as transformações ocorridas na cidade e se sente agraciada por residir na cidade: “graças a Deus, como tá bonito agora... quem não conheceu, não acredita”. Como relatou a entrevistada 7, “Era uma favelinha... corria esgoto... graças a Deus, como tá bonito agora”. Conforme Gevehr²⁷ o fluxo migratório para a cidade de Sapiranga ocorreu nas décadas de 1970 e 1980, vindas de diferentes lugares do Rio Grande do Sul, motivados pelo crescimento das indústrias calçadista na cidade, vislumbrando as oportunidades de trabalho nas indústrias locais, como destacaram os entrevistados.

A história de vida do Entrevistado 8 na cidade de Sapiranga também revela as mazelas urbanas encontradas no momento da migração, condições urbanas de “chão batido”, arroios poluídos. Chegou à cidade aos 19 anos e já reside 46 anos em Sapiranga. Migrou para ficar próximo dos parentes, trabalhou nas fábricas de calçados, porém encontrou sua paixão na construção civil, “sou apaixonado por obra”. Para o Entrevistado 8 o acolhimento é o valor central, e isso ele sentiu ao chegar a Sapiranga, “aonde tu é bem recebido, tu

²⁷ GEVEHR, Daniel Luciano. A História do Desenvolvimento Regional no Vale do Sinos: o caso de Sapiranga e seus percursos no tempo. *Redes*, v. 21, n. 1, p. 56-83, 6 maio 2016.

não sai”. Para o migrante a cidade é uma extensão (canteiro) da sua casa, espaço de trabalho e de amizades. Para ele o pertencimento ao lugar de destino está diretamente relacionado ao acolhimento, ser “bem recebido”.

Óh... O que eu tenho pra dizer que foi só alegria, só alegria na minha vida e eu só tenho a agradecer por tudo que aconteceu, as pessoa me acolhendo, me dando conselho e sempre botando Deus na frente, participando da comunidade, sabe? E conhecendo. Então, por isso que eu acabei vindo pra Saporanga e gostando de Saporanga. Gostando. E a questão assim, óh, eu fiquei um ano na empresa de carteira assinada e depois eu comecei na obra, em obra né, e acabei gostando, porque era mais ou meno o meu estilo, entendeu? A gente que vem lá da colônia, assim, eu, no calçado, eu só trabalhei um ano de carteira assinada e depois eu continuei em obra e acabei gostando e tô até hoje, e sou apaixonado por obra. Sou apaixonado em trabalhar em obra. Então, eu vim pra Saporanga porque comecei a sair, trabalhar e pegar muita amizade e o que eu tenho pra dizer assim, óh, que aonde tu é bem recebido, bem tratado, tu jamais tu vai esquecer, tu jamais tu vai esquecer, tu não sai. E então, por isso que eu tô até hoje em Saporanga, porque me acolhero, o pessoal me acolhero, assim óh, de braços aberto, no que eu precisava. Então, assim óh, isso é muito importante pra quem vem pra Saporanga, porque as pessoas são demais e o que eu tenho pra dizer é isso aí, ninguém vai se arrepender, é só vim pra ver.

O relato do Entrevistado 8 mostra o quanto é importante e faz diferença na vida do migrante encontrar no lugar de destino um acolhimento, sentir-se pertencendo ao lugar. O resultado disso é uma vida de prosperidade. Vivemos num mundo globalizado em que os deslocamentos ocorrem entre diferentes nações, regiões, estados, municípios. Saporanga nesta rota de deslocamentos recebe o Entrevistado 9, vindo de Buenos Aires (Argentina). Sua chegada na cidade de deu por convite de trabalho e para tentar superar o luto materno, que tinha desencorajado seu projeto de vida, “deixava para trás... todo aquele glamour... porque minha mãe havia partido”.

Como a maioria dos entrevistados, ele também passou por dificuldades, fome, aluguéis caros que levaram a múltiplas trocas de moradia, estranhamento inicial, uma realidade diferente da vivida em Buenos Aires e o mais marcante foram episódios de bullying, como relata, “sofri pela primeira vez... bullying”.

O Entrevistado 9 trabalha como profissional da beleza com uma rede de clientes femininas. E, embora todas as dificuldades enfrentadas, não desistiu de seu projeto, “Nessa cidade vou ser referência...”. Ao longo do tempo foi construindo laços de amizades variados, sem preconceitos, “não me importa o status social”. Embora tenha recebido propostas de trabalho internacionais, escolheu por manter-se na cidade por lealdade as pessoas que o acolheram, “seria desprezar as pessoas daqui se eu me vou”. O Entrevistado 9 iniciou sua carreira profissional muito cedo em Buenos Aires, migrou para vários países, 15 na América do Sul, como ele mesmo relata. Esta experiência relaciona-se muito a mobilidade global, em que as pessoas procuram em diferentes lugares do mundo um lugar para morar e pertencer.

[...] Bueno, nasci, no sei, por ali, por unos tantos anos para trás, que eu não vou falar a data de nascimento, porque não importa, pero... mas mais de um quer pegar minha identidade aqui, mas noo vai conseguir. [Risos]. E todas aquelas coisa. Eu nasci em Buenos Aires, na Argentina, meu trabalho foi aos 13 anos, de aí começou minha carreira, quando busquei mi trabalho, eu busquei mi trabalho aos 13 anos, e de aí comecei a trabalhar en Buenos Aires, e de Buenos Aires não parei até agora. Já... Bueno... indo, indo, indo, indo, já recorri 15 países em Sul da América, duas vezes en Europa. A cidade primeiro foi muito fria, uma cidade muito fria, mas despois que estoy trabalhando aqui, conhecendo todas as personas... Ah! E tenho que dar graças enormemente a Deus pelas mulheres, sem mulheres eu não seria quem soy, eu no... Gosto muito de trabalhar com mulheres. Entonces, tanto es así que meu celular só existem mulheres. E bueno, todas as cosas maravilhosas que aconteceram aqui, acá não tem cosa muita feia para falar, só aquela mulher que ficou no recuerdo, ficou na lembrança, agora já no, nunca mais, é diferente. [entrevistado comenta ao fundo: Claro, é diferente aquela coisa]. [Áudio interrompido].

Por fim, as experiências de preconceito foram marcantes na vida do Entrevistado 9, no início do processo de migração encontrou uma cidade “fria”, preconceituosa, mas o cuidado que ele teve com o trabalho profissional e na relação com as pessoas, foi a forma de superar todas as dificuldades iniciais. A integração cultural e a retribuição que passou a receber por parte das redes locais, consolidou o seu desejo de permanência. A presença do preconceito contra os migrantes ainda é um obstáculo para idealização de uma

sociedade que seja mais justa. Para Cunha²⁸ as desigualdades só diminuem quando se permite a este migrante ter acesso a saúde, moradia, educação e a assistência social, com dignidade.

Uma jornada migratória difícil representou a chegada da Entrevistada 10 na cidade de Saporanga. Natural de Palmeira das Missões veio em busca de trabalho, num primeiro momento trabalho doméstico, pois era mãe solteira e precisava sustentar sua filha. Também buscava um vínculo afetivo por meio da vida conjugal, já que chegara sozinha a cidade, “vim com a cara e a coragem”. Trabalhou em fábrica de calçados, em creche, cuidando de até 23 crianças, fazia “enfiadinho” sapato em casa, tudo para sustentar a ela e a filha. Em determinado momento, por necessidade, teve que entregar a filha para o avô. Passou por uma desorientação urbana, “me largou na Beira Trilha... fiquei perdida o dia todo”.

Mas, nem todas estas dificuldades fizeram com que a Entrevistada 10 desistisse de permanecer em Saporanga, onde mora a 35 anos. Os laços comunitários, o apoio da vizinhança, o auxílio dos avós com os cuidados e sustento da neta e a alegria cotidiana foram responsáveis pelo fortalecimento dos vínculos com a cidade, “gosto muito desse lugar... tenho 11 netos... pretendo ficar aqui até o fim da minha vida”. Para a Entrevistada 10 Saporanga e a extensão da sua casa, sentimento de comunidade e pertencimento que fica claro na declaração que segue.

Mas tô muito feliz hoje, porque eu conheço todo mundo, e adoro Saporanga, e não pretendo voltar para outro lugar. Daí, quando eu vim pra Saporanga, daí eu trabalhei no Calçados Nuqui, né? Depois eu trabalhei no Potira, um ano e três mês. E depois, quando eu saí da fábrica, eu cuidava de criança em casa, eu era mãe crecheira. Trabalhei pelo SESI há muito tempo, cuidava de até 23 criança... Eu cuidava. Aí teve um tempo também em que eu fazia sapato em casa, que era enfiadinho, né? Tinha tipo um atelier dentro da minha casa, e ali eu fui me sustentando. E foi esses o meu trabalho aqui em Saporanga. Daí, aqui em Saporanga, eu construí né, uma família... Eu tive três filho, duas menina e um guri, né, que o guri é o nenê. E também tem a minha amizade, né, que levanta de manhã cedo, e digo bom dia, grito pra minhas vizinha “bom dia, venham tomar chimarrão!”. Tô sempre feliz, não pretendo voltar lá para a minha terra, não acostumo mais lá, gosto muito desse lugar aqui de Saporanga, e acho que

²⁸ CUNHA, M. I. A. da; MENEZES, M. G. de. **Imigração e refúgio no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2022.

é só. E aqui em Sapiiranga também eu tenho 11 netos, né, e sou muito feliz aqui, e pretendo ficar aqui em Sapiiranga até o fim da minha vida.

Foi possível observar que os migrantes chegados a Sapiiranga tiveram uma identificação com a cidade, foram acolhidos pela comunidade levando sempre em conta a história de vida de cada um. Isso se traduz nas palavras de David Harvey²⁹ como direito a cidade, uma forma desses migrantes contarem sobre suas trajetórias e experiências na cidade em que escolheram para viver, mostrando que ao mesmo tempo que fazem parte da cidade, a cidade inclui-se nas suas experiências individuais.

Por fim, os Entrevistados 11, vindos da Venezuela, país que enfrenta uma crise humanitária, chegaram em Sapiiranga em 2019 a procura de melhores condições de vida, de trabalho e de segurança. No início trabalharam no turismo, em obras, faziam panfletagem e como cuidadores, até o momento da inserção real no trabalho. A Entrevistada 11 tem formação em Marketing publicitário e hoje trabalha na sua área de formação, “agora estou exercitando minha profissão”.

De uma forma geral as dificuldades enfrentadas pelo casal, também foram abordadas pelos demais imigrantes, a insegurança habitacional, o frio, a falta de redes de apoio (família, amigos), promessas de emprego frustradas e como já é fato para muitos migrantes, a exploração do trabalho, “querem se aproveitar da necessidade do outro”. Porém, superar esta fase só foi possível pelo auxílio de pessoas locais e das igrejas, “as portas seguem abertas”. Aos poucos o casal foi reconstruindo sua vida e conquistando alguns bens materiais básicos, como geladeira, fogão, cama, entre outros.

Aí, com lo que nós pudemo, juntamo um dinheirinho, né, e llegamos até aqui, até Sapiiranga. Mas aqui, o gaúcho, em comparação lá no norte, olha, o gaúcho es top, sério. Eu não tenho nada ruim para falar, eu dou só palavras de agradecimento hasta hoje, sempre com um sorriso... Um “Que bom, você gosta de Sapiiranga?!”. Muitas, muitas coisas, sabe? Há muita diferença no norte, porque no norte, mientras aqui faziam doações, lá tínhamos que comprar e puxar para comprar qualquer coisa, e muito caro. Também, né, fronteira, e fronteira, llega todo mundo e todo, não tem aquelas vagas de emprego, não tem empresa, não tem indústria, só funciona o comércio, los camelotes, só

²⁹ HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

isso aí. Felizmente, não tenho provisão de volta para mi país. Porque, lamentablemente la situación cada día está pior. Mas lá tá minha mãe, tem outros irmãos. E... Mas, infelizmente, eles não vão vim para acá. Mas eu sigo ajudando eles com o que eu posso. E, olha, nada ruim pra mim. Só agradecimento em todos aqueles sapiranguenses. Obrigada.

Ao chegar à cidade de Sapiiranga o casal teve que começar do zero, eram os típicos refugiados cotidianos, que o Brasil vem recebendo no município de Roraima. A linguagem era uma dificuldade que tiveram que enfrentar, bem como, o emprego, situação diferente da que viviam na Venezuela, em que atuam em suas profissões. Como já foi dito pelos demais migrantes que participaram da pesquisa, Sapiiranga é uma cidade acolhedora, na qual o reconhecimento moral antecedeu ao reconhecimento burocrático. Para este casal não foi diferente, tiveram que contar com a solidariedade para reconstruir sua vida, valorizando cada microconquista (uma bicicleta, um colchão, um contrato) e aos poucos foram construindo a sensação de pertencimento a cidade.

O Entrevistado 11 deixa claro em suas palavras que desde o momento da chegada ao Brasil até a migração para a cidade de Sapiiranga as dificuldades de adaptação foram muitas.

Chegamos aqui em Sapiiranga. Primeiro pegamos ônibus até Manaus, porque foi o mais barato que nós conseguimos. Boa vista, saímos de manhã, chegamos de noite em Manaus. Manaus saímos meia-noite, e chegamos São Paulo sete hora da manhã, e chegamos aqui cinco hora da tarde. Porto Alegre. Sapiiranga, chegamos seis hora da tarde, mas foi uma aventura pra chegar aqui em Sapiiranga, porque a gente não conhecia, não tinha internet, e a mulher que ia conseguir nós, também não tava no apartamento, foi outra pessoa nos resgatar. Ali moramos três dias só, naquela casa. Aqueles três dias foi puxado para nós, porque setembro pra nós era congelante. Nós tava vindo do calorão lá no norte, 40 grau, sensação de 50... [Risos] Exagerado, né, mas é calor, é bastante quente. E aqui tava 7 grau aqueles dia, muito frio. Caminhamos aqueles três dias ali em Sapiiranga, o centro conhecemos de tanto caminhar ali. Todos os dias saímos, acordamos 5h30, seis hora tamo na rua, atrás de emprego. Mas naquele tempo, para nós foi difícil achar um serviço, muito difícil.

No entanto, embora as barreiras da língua, principalmente, atualmente o casal tem uma gratidão pela cidade que os acolheu, “a hospitalidade das

pessoas daqui é excelente”. Hoje seus projetos incluem a casa própria e um empreendimento na área de gastronomia, talvez a instalação de um café. Com isso, chegam à conclusão de que a permanência em Sapiiranga é certa e não há “previsão de volta”, ou seja, retornar a Venezuela.

Considerações Finais

Embora distintas, as 11 histórias convergem em alguns eixos: o trabalho como motor da mobilidade; a família como rede de acolhimento e decisão; a cidade como espaço simultâneo de oportunidades e hierarquias (materiais e simbólicas); e a memória como modo de narrar dignidades e dores, de fixar pertencimentos e de projetar futuros. Um dos fatores que levam as pessoas a migrar é a família e uma rede de infraestrutura de apoio. Nas histórias apresentadas fica evidente a família e os conhecidos como elementos fundamentais para o processo migratório. São casos em que um irmão chega antes, o pai busca os demais componentes da família; a irmã que traz a outra irmã ainda menina para cuidar dos sobrinhos, os primos, a esposa e o sogro que preparam a infraestrutura habitacional. Nesse contexto, as redes eclesiais (igrejas) que foram importantes nas migrações e além disso, quando não havia a presença de parentes e familiares, os clientes e vizinhos e a comunidade assumem como uma rede substituta.

Quando se trata das memórias, observou-se a presença de alguns aspectos do patrimônio da cidade, como: os trilhos (representam a presença da ferrovia que passava pela cidade, construída no Séc. XIX); o 20 de setembro, as fábricas de calçados, muitas delas já inexistentes, mas que foram importantes fontes de trabalho; o Parque do Imigrante que evidencia um sentido de comunidade, trabalho e festa. Além disso, os aspectos naturais da cidade como, rios, arroios e pescarias, trazem memórias afetivas. No entanto, o desenvolvimento contribuiu para a melhora nas condições urbanas, que eram precárias, mas na contramão veio a degradação ambiental, cobrando um preço elevado do meio ambiente.

Para os migrantes entrevistados o acolhimento pela cidade é cotidiano, no entanto, os preconceitos aparecem, como a preferência por trabalhadores da região, bullying racial, de gênero e étnico, exploração dos migrantes pobres, o frio, a cidade sem identidade homogênea, presença dos alemães, mas também, de outras diferentes etnias. Porém, diante de tantas adversidades a rotina com a vizinhança, clientela e amizades faz com que estes recém-chegados se sintam aceitos pela comunidade.

Portanto, a maioria dos migrantes entrevistados tem o desejo de permanecer em Sapiiranga a cidade que os acolheu. Algumas falas representam o pertencimento e o desejo que um projeto de futuro na cidade: “não pretendo voltar... até o fim da minha vida”; “não queremos voltar pra Alemanha”; “orgulho de viver aqui”. Para estes migrantes o projeto de vida está em Sapiiranga, a casa própria, um negócio, viajar, mas, retornar sempre sem romper com a cidade do coração. Enfim, para eles pertencer é encontrar um lugar onde possam ter um trabalho digno, uma vizinhança que em muitas das histórias fez papel da família e construir histórias e memórias do lugar em que hoje é a sua “casa”.

Referências

- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- AMADO, Janaina. O grande mentiroso: o depoente na história oral. In: ABREU, Regina; BESSA, Jorge (org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 119–129.
- BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira Bagatin. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 27, p. 329–341, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3193> Acesso em: 12 fev. 2026.
- BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Relatório Anual de Imigração e Refúgio no Brasil – 2023**. Brasília: MJSP, 2023.
- CUNHA, M. I. A. da; MENEZES, M. G. de. **Imigração e refúgio no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2022.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. Disponível em: <https://editora.fgv.br/produto/usos-e-abusos-da-historia-oral-1827>. Acesso em: 19 set. 2025.
- GEVEHR, Daniel Luciano. A História do Desenvolvimento Regional no Vale do Sinos: o caso de Sapiiranga e seus percursos no tempo. **Redes**, v. 21, n. 1, p. 56–83, 6 maio 2016.

GEVEHR, D. L.; VENDRAME, M. I.; BASSAN, D. S. Pensando o desenvolvimento a partir de uma redução de escala: o método da micro-história. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 26, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/17131>. Acesso em: 10 out. 2025.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION (IOM). **World Migration Report 2023**. Geneva: IOM, 2023. Disponível em: <https://www.iom.int>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MAIA, Andréa Casa Nova (org.). **História oral e direito à cidade**: paisagens urbanas e memória social. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Marieta de Moraes Ferreira. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

SECRETARIA DE JUSTIÇA, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS DO RS. **Plano Estadual de Políticas para Imigrantes e Refugiados**. Porto Alegre: SJCDH, 2021.

SILVA, R. M.; COSTA, J. F. da. Migração e trabalho: a inserção dos haitianos no mercado de trabalho brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 1–22, 2021.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. **Micro-história**: os protagonistas anônimos da história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre. **Micro-história, um método em transformação**. São Paulo: Letra & Voz, 2020.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas, Campinas**, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 12 fev. 2026.

Artigo recebido para publicação em 21/10/2025 e aprovado em 18/02/2026.